

**CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA**  
**A CINEMATECA COM O INDIELISBOA**  
**- RETROSPECTIVA MFA**  
**28 de Maio de 2024**

**CAMPANHA DE DINAMIZAÇÃO CULTURAL E ACÇÃO CÍVICA DO MFA**  
**EM BRAGANÇA /1975**

Realização: Jorge Listopad / Produção: Movimento das Forças Armadas / Cópia digital, preto e branco, com legendagem electrónica em inglês / Duração: 23 minutos.

**LA NUEVA ESCUELA / 1973**

*Um filme de Jorge Fraga*

Realização: Jorge Fraga / Fotografia: Rodolfo Lòpez / Direcção de Som: Hector Cabrera / Montagem: Gloria Arguelles.

Produção: ICAIC – Instituto Cubano del Arte e Indústrias Cinematográficos (Cuba) / Produtor: Orlando de la Huerta / Cópia: digital, cor, falado em espanhol com legendagem electrónica em português e inglês /Duração: 88 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

---

**La Nueva Escuela** é um documento que, visto hoje (mas terá sido sempre assim), navega entre as águas da divulgação e da propaganda. Em causa está a política educativa posta em marcha pela Revolução Cubana no princípio da décadas, que aliás foi uma das suas grandes prioridades, entre campanhas massivas de alfabetização na ruralidade cubana e a abertura, também em grande escala, de escolas pelo território o cubano (só na década de 60 ter-se-ão aberto cerca de cinquenta liceus espalhados pela ilha). O realizador, Jorge Fraga (1935-2012), se não é tão conhecido como outros cineastas da Revolução (como Santiago Álvarez ou Tomás Gutierrez Alea), foi uma figura fundamental na constituição das estruturas que sustentaram o cinema cubano revolucionário. Antigo funcionário da televisão cubana, esteve entre os fundadores, e principais “ideólogos”, do famoso ICAIC (no quadro do qual se produziram, justamente, muitas das principais peças do cinema revolucionário cubano), para o qual dirigiu também vários dos célebres “noticieros”. Se não realizou muitos filmes, as suas responsabilidades institucionais – como responsável por produção e divulgação – foram determinantes no rumo do cinema cubano nos anos que se seguiram à Revolução.

Até nessas responsabilidades Fraga denotava esta instalação na zona entre a pedagogia e a propaganda institucional. Se, por um lado, **La Nueva Escuela** é um filme destinado a glorificar as conquistas pedagógicas da revolução cubana, também há nele uma vontade

de registo, de documento, e de genuíno interesse pela auscultação dos seus efeitos no terreno, entre a população (professores e alunos) da escola. Se o filme ouve, em depoimentos feitos para a câmara, vários professores, normalmente em depoimentos extensos (os cubanos sempre tiveram uma queda para os discursos longos, a julgar pelos de Fidel Castro...), esses, os mais “teóricos”, os mais politicamente conscientes, acabam por ser os que, *à la longue*, se tornam também mais fastidiosos para quem não for movido, em primeiro lugar, por um interesse pela história da pedagogia em Cuba. Nesses momentos, o cinema torna-se transparente, completamente ocupado pelo tema. É quando filma as crianças, quando as ouve, quando filma os espaços das salas de aula ou dos recreios, que o cinema aparece com outra espontaneidade, testemunho menos falsificável (como, de resto, pouco falsificáveis são sempre as presenças das crianças no cinema) do ambiente escolar cubano, da relação dos miúdos com a aprendizagem, com a instituição, com a socialização, e mesmo com a ideologia que, de forma, ainda incipiente, vão intuindo. Do lado propagandístico, Fidel nunca está longe, o culto da personalidade não se dispensa mesmo quando é mitigado – o que não impede que aquelas cenas em que Fidel aparece, por exemplo para jogar à bola com os miúdos (e onde há evidentemente uma dimensão simbólica calculada, estudada e pretendida), estejam também cheias de uma genuinidade que faz delas “documento”, em primeiro lugar, “documento da propaganda”, que é aquilo que salva o interesse da propaganda depois de esgotado o propósito inicial.

A abrir a sessão, uma reportagem filmada nas aldeias de Salsas e Aveleda, no distrito de Bragança, que regista mais um momento das acções de dinamização cultural do Movimento das Forças Armadas, desta vez com a visita de um grupo de teatro amador a uma região transmontana onde, presumivelmente, nunca nenhum grupo de teatro alguma vez estivera.

Luís Miguel Oliveira